

A importância geopolítica do *Gran Chaco* para a integração logística da América do Sul

*Carla Paulino da Costa Feres*¹

Resumo: O objetivo deste trabalho será apresentar uma releitura sobre papel da região do “Gran Chaco”, apontando-o como pilar para a construção da integração sul-americana, principalmente para a vertebração de uma nova arquitetura logística e produtiva do continente. Nesse trabalho, o “Gran Chaco” corresponde à área que envolve a Bolívia, o Paraguai, o norte da Argentina e os estados brasileiros do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul. Para tanto, o artigo estará dividido em três sessões. Na primeira, trabalharemos com o arcabouço teórico da Geopolítica com a finalidade de entender a dinâmica do Sistema Internacional e realizar uma releitura dos conceitos “Gran Chaco”, “Heartland”, “Triângulo Estratégico”, “Maciço Boliviano” e “Área de Soldadura” desde uma óptica sul-americana. Por sua vez, com a finalidade de estabelecer uma relação entre a instabilidade e o impacto dos interesses estrangeiros na região, a segunda sessão será responsável por abordar as disputas territoriais que culminaram na fragmentação territorial do Gran Chaco.

Palavras-chave: Geopolítica; Gran Chaco; Integração da América do Sul.

The Gran Chaco's Geopolitical Importance for South American logistics integration

Abstract: The objective of this paper is to present a reinterpretation of the role of the “Gran Chaco” region, pointing to it as a pillar for the construction of South American integration, mainly for the establishment of a new logistical and productive architecture for the continent. In this work, the “Gran Chaco” corresponds to the area involving Bolivia, Paraguay, northern Argentina and the Brazilian states of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul. For this purpose, the article will be divided into three sections. In the first, we will work with the theoretical framework of Geopolitics in order to understand the dynamics of the International System and carry out a reinterpretation of the concepts “Gran Chaco”, “Heartland”, “Strategic Triangle”, “Bolivia Massif” and “Welding Area” from a South American perspective. In turn, in order to establish a relationship between instability and the impact of foreign interests in the region, the second session will be responsible for addressing the territorial disputes that culminated in the territorial fragmentation of the Gran Chaco.

Keywords: Geopolitics; Gran Chaco; South American Integration.

La importancia geopolítica del Gran Chaco para la integración logística sudamericana

Resumen: El objetivo de este trabajo es presentar una reinterpretación del rol de la región del “Gran Chaco”, apuntándola como un pilar para la construcción de la integración sudamericana, principalmente para el establecimiento de una nueva arquitectura logística y productiva para el continente. En este trabajo, el “Gran Chaco” corresponde al área que involucra a Bolivia, Paraguay, el norte de Argentina y los estados brasileños de Mato Grosso y Mato Grosso do Sul. A tal efecto, el artículo se dividirá en tres secciones. En el primero, trabajaremos con el marco teórico de la Geopolítica con el fin de comprender la dinámica del Sistema Internacional y realizar una reinterpretación de los conceptos “Gran Chaco”, “Heartland”, “Triángulo Estratégico”, “Macizo de Bolivia” y “Área de soldadura” desde una perspectiva sudamericana. A su vez, con el fin de establecer una relación entre la inestabilidad y el impacto de los intereses extranjeros en la región, la segunda sesión se encargará de abordar las disputas territoriales que culminaron en la fragmentación territorial del Gran Chaco.

Palabras llave: Geopolítica; Gran Chaco; Integración Sudamericana.

¹ Mestranda em Desenvolvimento Econômico (PPGIE) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Introdução

A temática da integração é uma constante na história do continente sul-americano. O aprofundamento do estudo da Integração Regional é chave para combater as assimetrias entre os países da Periferia e a sua vulnerabilidade perante o Centro, visto que a América do Sul é composta por Estados com diferentes capacidades e que possuem diversas riquezas em recursos naturais estratégicos complementares.

Difícilmente poderíamos falar de integração regional sem mencionar a importância que o “Gran Chaco” exerce na articulação entre as “porções antagônicas” do continente sul-americano (TRAVASSOS, 1935). Neste trabalho, o “Gran Chaco” corresponde à área que envolve a Bolívia, o Paraguai, o norte da Argentina e os estados brasileiros de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Argumenta-se que essa região é capaz de atuar como um agente conector entre os oceanos Pacífico e Atlântico e entre as bacias Amazônica e Platina (TRAVASSOS, 1935; VEGA, 1935). Historicamente, a Bolívia tem sido alvo de disputas e perdas territoriais observadas na Guerra do Chaco, na Guerra do Pacífico e na Questão do Acre com o Brasil (CASTRO, 1994). Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho será apresentar uma releitura sobre papel da região do “Gran Chaco” a partir da perspectiva da geopolítica e da narrativa de eventos históricos da região, apontando-a como pilar para a construção da integração sul-americana, principalmente para a vertebração de uma nova arquitetura logística e produtiva da América do Sul.

Desse modo, o trabalho tratará de estabelecer uma ponte entre a importância geopolítica da região denominada Gran Chaco e a integração sul-americana. Serão apresentadas as contribuições conceituais referentes à América do Sul de renomados geopolíticos da região, sugerindo-se uma releitura dos conceitos de “Gran Chaco”, “*Heartland*”, “Triângulo Estratégico”, “Maciço Boliviano” e “Área de Soldadura”.

1. Geopolítica para a América do Sul

A Geopolítica Clássica abarca, por consenso, o grupo de autores que se dedicaram a sua sistematização como ciência. Existem diferentes formas de sistematizar o contínuo estudo sobre a Geopolítica. Alguns preferem trabalhar pela perspectiva das “escolas temáticas”, como o embate entre o Poder Marítimo e o Poder Terrestre; enquanto outros optam pelas “escolas nacionais”, como a Geopolítica Alemã (Karl Haushofer), Norte-americana (Nicholas J. Spykman); Soviética (Vladimir

Ilyich Lênin) e Inglesa (Halford Mackinder). Em contrapartida, o esforço deste trabalho consistirá em fazer um breve resgate teórico desde uma lupa sul-americana a partir de Augusto José Ramón Pinochet Ugarte, General Meira Mattos, Mário Travassos, Golbery do Couto e Silva e Therezinha de Castro, e com ênfase na geopolítica boliviana à partir de Alipio Valencia Vega, Guillermo Francovich, Alberto Ostria Gutiérrez, Valentín Abecia Baldibesco e Jaime Mendoza. O objetivo será argumentar a importância geopolítica da área do Gran Chaco para o processo de Integração da América do Sul a partir da releitura dos conceitos “Gran Chaco”, “*Heartland*”, “Triângulo Estratégico”, “Maciço Boliviano” e “Área de Soldadura”. Para tanto, a identificação dos instrumentos da geopolítica é fundamental para a análise que este trabalho propõe, visto que, a ótica sul-americana também faz seu uso para identificar as características do seu próprio território. Assim como, os referenciais teóricos de *Heartland* e *Área Pivot* de Halford John Mackinder, com a finalidade de estabelecer um paralelo entre as interpretações de centro e periferia.

Certamente, a influência de Mackinder alcançou a América do Sul. Nesse sentido, o trabalho tratará de traçar um paralelo entre as teorias usadas para descrever o Coração Sul-Americano, Área de Soldadura, Triângulo Estratégico ou Maciço Bolívia com o *Heartland* de Mackinder. Acima de tudo, se propõe narrar a geopolítica desde uma perspectiva sul-americana. Entende-se que cada região e contexto temporal possuem suas particularidades. Portanto, busca-se desancorar a geopolítica da América do Sul de modelos estrangeiros.

1.3 Geopolítica do Gran Chaco

A compreensão do território é essencial para desenhar a articulação da estratégia de Integração Regional na América do Sul. O estudo da geopolítica nessa região chegou um pouco mais tarde, e geralmente acompanhado por militares. A novidade estava na audácia de fazer esse tipo de ciência na Periferia, visto que essa discussão, em princípio, deu-se entre grandes potências, isolando com certo determinismo os espaços de reflexão fora do Centro do Sistema Internacional. Essa análise levantou diferentes interpretações em relação ao território da Bolívia e suas proximidades. Apesar de alguns autores insistirem em classificar a Bolívia como

“absurdo geográfico”² (BADIA MALAGRIDA, 1919, p. 116); há uma linha de pensamento sólida e constante que persiste em demonstrar a importância desse espaço para a integração de toda a América do Sul.

No caso brasileiro, o Marechal Mário Travassos (1890-1973) foi um dos pioneiros. Em 1930, lançou a primeira edição do seu trabalho “Aspectos Geográficos Sul-Americanos”, que cinco anos depois transformou-se na conhecida obra “Projeção Continental do Brasil”. Travassos estabelece dois polos de poder que se sobrepõe ao brasileiro e que devem ser superados: a Argentina e os Estados Unidos (OLIVEIRA, 2012, p. 79; MARTINS, 2011, p. 41). Para tanto, seu trabalho busca sistematizar a América do Sul, distinguindo entre diferentes porções antagônicas em referência a oceanos e bacias: Pacífico *versus* Atlântico e Prata *versus* Amazonas. Desde que a infraestrutura de transporte seja uma constante, “podem traduzir, se conjugados, as verdadeiras forças criadoras do quanto se passa nos domínios políticos e econômicos da atividade sul-americana” (TRAVASSOS, 1935, p. 4).

Travassos ressalta a dificuldade logística do acesso ao Oceano Pacífico. Isso se deve, em grande parte, à ausência de rios navegáveis que desembocam nesse mar e pelas altas cadeias montanhosas que tornaram áspera a utilização do modal rodoviário na região. Ademais, seu litoral não possui muitos recortes, como enseadas, baías, golfos, tornando o uso de portos adverso. Em contrapartida, a porção oriental da América do Sul, banhada pelo Oceano Atlântico, possui uma riqueza de rios navegáveis que desembocam no mar. Já em relação às bacias, Travassos considera que as diferenças entre elas também são sistemáticas. O percurso das águas, o clima, a produção de cada região são opostas. A área responsável por conectar essas quatro porções antagônicas é exatamente o altiplano Boliviano e a região do Chaco (TRAVASSOS, 1935, p. 8-9). No mesmo sentido, Therezinha de Castro evidencia que

² Carlos Badia Malagrida (1919, p. 117) considera, “*el caso de Bolivia, como una infracción flagrante de las más rotundas normas socio-geográficas, merece una cita especial. Allí se concentra, en cierto modo, toda la historia hispanoamericana, y apenas se da en ella ningún conflicto (de carácter general interno), que no tenga su relación. más o menos remota, con el problema boliviano. El problema boliviano no se circunscribe a las aspiraciones marítimas de un país continental, ni a la rivalidad política entre Chile y Perú, ni al dominio económico de la región salitrera; todo esto son aspectos parciales del problema, que es en realidad mucho más general y más hondo. Se trata sencillamente de la contraposición funcional entre un Estado y su territorio; Bolivia no es una nación, ni histórica ni geográficamente considerada, y éste fue el gran error de Bolívar. El territorio boliviano no sólo carece de unidad, sino que al pretender crearla artificialmente, se desarticuló toda la América del Sur, alterando la actividad funcional de sus partes. Con la creación de la República de Bolivia se inició la desmembración territorial del Plata, se abrió una zona de disputa entre Chile y Perú, y al mismo tiempo se interpuso un obstáculo formidable a la inteligencia de las Repúblicas sudamericanas.*”

nessa região estão três nascentes de rios tributários da Bacia Amazônica: o Madre de Dios-Beni, Mamoré e o Guaporé; por outro lado, a fronteira do altiplano boliviano era ribeirinha do rio Paraguai com acesso à Bacia do Prata (CASTRO, 1994, p. 86).

A ocupação da América do Sul desenhou o dualismo que os oceanos impõem ao continente. O primeiro contato dos estrangeiros ibéricos, os intercâmbios comerciais e a própria logística extrativista vista do território condicionaram e sofreram mutações no decorrer do tempo. No entanto, Darc Costa (2011, p. 7) argumenta que essa dualidade sul-americana não é sinônimo de repulsão, mas sim, o caso de uma atração natural. É claro que para o Português na colônia ou mesmo depois do Brasil já consolidado como nação, a forte conexão com a Europa e, posteriormente, com os Estados Unidos acabou afastando o desejo de procurar novos caminhos pelo Pacífico. Para Therezinha de Castro (1994, p. 84) essa constante geopolítica se traduz no que chamou de “destino manifesto atlântico”. No mesmo sentido, Travassos (1982, p. 11) também argumenta sobre as insuficiências da vertente do Pacífico, mas levanta a necessidade neutralizar essa antagônica a partir da articulação da infraestrutura.

O militar brasileiro considera o planalto boliviano, região à qual dedica-se este trabalho, uma área capaz de neutralizar os antagonismos que existem entre os polos do continente. A infraestrutura naquela região é tão importante para amenizar essa situação, quanto para brindar sua recente importância que chamou de “Triângulo Econômico”, um “verdadeiro signo da riqueza boliviana” (TRAVASSOS, 1935, p. 25). Pfrimer e Roseira (2009, p. 7) acrescentam que a preocupação de Travassos era com a liderança do Brasil nesse processo de integração da América do Sul.

Travassos considera que o “triângulo econômico” entre Cochabamba - Santa Cruz de la Sierra - Sucre seria o elo chave para a coesão ou total desarticulação do território sul-americano, e sublinha que “não há como negar que o equilíbrio político sul-americano se definirá, num futuro bem próximo, segundo as oscilações do já famoso triângulo Cochabamba (influências andinas) - Sucre (influências platinas) - Santa Cruz (influências amazônicas)” (TRAVASSOS, 1935, p. 142). A base desse triângulo, ou seja, a linha que interconecta Cochabamba - Santa Cruz é importante geograficamente pela projeção que o Rio Madeira-Mamoré alcança ao oferecer a Bolívia uma saída à bacia Amazonas. Cochabamba, na sua interpretação, ganhou

papel de protagonista no âmbito comercial e logístico³ pela sua posição central ao atuar como articuladora da referida hidrovia. Já Santa Cruz aponta como um grande vértice produtor, devido ao seu relevo composto por pradaria e seu cultivo de rebanhos, borracha e trigo⁴ (TRAVASSOS, 1938, p. 126).

O autor já visualizava na década de 1930 a região compreendida entre Corumbá, Campo Grande e Ponta Porã como uma “Santos mediterrânea.” Os argumentos que sobressaem para essa afirmação são: i) a exploração dos minérios; ii) possível invasão do café paulista (sabe-se que a região já foi permeada por outros ciclos de plantio, a soja e os eucaliptos) e iii) pela sua vertente amazônica, que possibilitaria sua projeção como entidade política e econômica. Ressalta a assimilação pelo Brasil dessa região que apresenta como ponto chave para a política de coesão nacional brasileira e projeção no “tablado continental”. Não por coincidência, essa região faz fronteira com a Bolívia, com condições de solo e climáticas muito similares (TRAVASSOS, 1935, p.203).

Ao examinar as manifestações geográficas sul-americanas o geopolítico militar ressalta a importância das suas comunicações longitudinais. Entretanto, em nenhum momento faz referência ao Heartland de Mackinder. Apesar de usar em determinados momentos o termo “Pivot”, se restringe apenas ao sentido semântico⁵. Somada a essa interpretação, o autor também faz referência a área como ponto de instabilidade que, em grande parte, deve-se ao fato de a Bolívia estar “presa” (ou pode-se dizer, protegida). A oeste é contornada pela Cordilheira Ocidental dos Andes, e grande parte do seu território pela região Amazônica é de difícil penetração. Propõe a articulação logística como via de escape para essa instabilidade. A importância do Atlântico nesse contexto, mobiliza o militar brasileiro a desenhar duas grandes forças agindo sobre a Bolívia. De um lado, o poder da ferrovia argentina de alcançar e influenciar as linhas férreas da Bolívia e, por outro, o brasileiro com seus tentadores portos de Santos e de São Francisco. Sua posição central implicou diferentes distúrbios e conflitos armados na busca de poder e projeção. Para Travassos:

³ Sublinha-se que a sua perspectiva está diretamente conectada com a temporalidade que foi escrito ‘Projeção Continental do Brasil’, em 1935.

⁴ Nesse ponto, é interessante a capacidade de prospecção do militar brasileiro, já que, décadas depois, Santa Cruz se tornou um foco de impulso na dinâmica da região.

⁵ Lewis Tambs foi o primeiro a associar o trabalho de Travassos ao Heartland de Mackinder (TAMBS, 1965; BALDIVIESCO, 1986, p. 43).

Nada oferece maior soma de motivos geradores de inquietação política que a instabilidade geográfica, isto é, a oscilação de certos territórios entre determinadas características que os circundam. Territórios assim oscilantes são verdadeiros focos de perturbações políticas, causas de dissensões ou, pelo menos, de preocupações sérias para que se evitem possíveis conflitos internacionais (1935, p. 43).

O General Golbery Couto e Silva faz uso dos instrumentais da geopolítica travassiana para descrever a área que está entre a região platina e amazônica, denominada por ele como “Área de Soldadura”. Diferente da área delimitada entre o triângulo estratégico e a Bolívia como área de transição entre os polos do subcontinente, Golbery adiciona o Paraguai e o estado brasileiro do Mato Grosso (desde 1979, dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) (COUTO E SILVA, 1955, p. 127-128).

A análise geopolítica da região não se deteve aos geopolíticos do Brasil. O boliviano Guillermo Francovich (2020) recorda nomes bolivianos que ascenderam na primeira metade do século XX, como o diplomata Alberto Ostría Gutiérrez⁶ e Jaime Mendoza⁷. A preocupação de coesão territorial e a geopolítica da região sofre influência do contexto pós Guerra do Chaco. Assim como Travassos, ele considera os antagonismos da América do Sul e propõe que “*A geografía impone a Bolivia, no una función aisladora y de aislamiento, sino de atracción, de articulación, de unión, de soldadura entre los países que la rodean*” (FRANCOVICH, 2020, p. 176). Considera, desse modo, que esse planalto seria responsável por integrar toda a América do Sul. De acordo com Francovich, a preocupação de Gutiérrez era a valorização da riqueza do oriente boliviano e a necessidade de integração de infraestrutura, principalmente ferroviária, com o restante do território nacional. Outro fator que aponta é o redirecionamento da estratégia logística exportadora para o Oriente, ou seja, a

⁶ Para Gutiérrez “*ningún otro país de la América Meridional se halla en iguales condiciones geográficas que Bolivia. El Brasil, a pesar de su enorme extensión, pertenece a los sistemas hidrográficos del Amazonas y del Plata, pero no al Pacífico. La Argentina, a su vez, corresponde al Plata y al Pacífico, más no al Amazonas. El Perú sólo toca al Pacífico y al Amazonas, pero no al Plata. Chile es únicamente país del Pacífico*” (GUTIÉRREZ apud BALDIVIESCO, 1986, p. 57).

⁷ Baldivieso (1986, p. 44) recorda que a percepção de centralidade boliviana existiu desde o período Colonial, com o espanhol Juan de Matienzo. No período da Audiência de Charcas, Matienzo mencionou que o Maciço Andino deverá controlar as grandes rotas transcontinentais.

conexão da Bolívia com o Brasil via fronteira de Corumbá até o porto de Santos⁸ (FRANCOVICH, 1985, p. 179). Gutiérrez acrescenta:

El Ferrocarril Corumbá-Santa Cruz constituye la articulación del río con el llano oriental destinado a salvar a éste de la postración, del olvido, de la muerte. Pero ese ferrocarril no sólo contribuirá a salvar al oriente boliviano sino también a Bolivia toda. El desarrollo de las riquezas de esa zona envuelve la transformación nacional, porque hasta el 94% de las exportaciones bolivianas está constituido por minerales y el 50% de sus importaciones por artículos de primera necesidad. La disminución de aquella significa la disminución de éstas. País monoprodutor por excelencia, en realidad el pan de Bolivia es el estaño. Facilitarle su propia producción de artículos alimenticios y darle nuevas fuentes de exportación equivale a asegurarle la vida, frente al futuro siempre incierto de la exportación del estaño (GUTIÉRREZ apud FRANCOVICH, 1985, p. 180)

O boliviano Jaime Mendoza, contemporâneo de Travassos, escreveu em 1935, o livro intitulado *El Macizo Boliviano* a respeito da geografia boliviana. Diferente do que alguns autores associam como a contribuição original realizada pelo brasileiro General Golbery do Couto Silva, o trabalho foi pioneiro ao cunhar dois conceitos: “*Macizo boliviano*” e “*Eslabón Andino Central*”. Essa área definida como “maciço” faz referência à Bolívia como “uma só montanha”, ou seja, um altiplano que atuaria como passagem para as quatro grandes áreas do continente, assim como considera Travassos e Gutierrez (MENDOZA, 2016, p. 61).

O altiplano boliviano possui uma altura variável entre 3.700 e 4.000 metros acima do nível do mar; em relação à cordilheira, a proporção muda e pode chegar a mais de 7.000 metros acima do nível do mar, em uma extensão de 200 mil quilômetros quadrados. Mendoza a considera como “*la espalda del continente*”. Por outro lado, está o altiplano boliviano, localizada entre 5.000 e 4.000 metros aproximadamente, responsável por abrigar grandes riquezas minerais, tais como: o ouro, ainda pouco explorado pela debilidade de recursos, depositado em Cololo, Hankjouma e Quinsacruz; o cobre, encontrado principalmente no planalto ocidental: em Corocoro pelo cinturão de cobre através de Callapa, Curahuara, Turco, Garcimendoza e Lípez; o salitre; e a prata em Corocoro. Há também um imenso reservatório de sal em Uyuni,

⁸ De acordo com Gutiérrez “*En la construcción del ferrocarril Yacuiba-Santa Cruz, lo mismo que en la del ferrocarril Corumbá-Santa Cruz influye “la nostalgia de los caminos históricos”, que determina así la vuelta a la ruta de los conquistadores, perseguida por éstos para comunicar el Virreinato de Lima y especialmente la Audiencia de Charcas con el Río de la plata, a través de lo que constituye la zona oriental, el Sur de Bolivia*” (apud FRANCOVICH, 1985, p. 82).

Coipasa, Coposa e Emxepa. Sublinha também a possibilidade de petróleo no Chaco, que despertou grande cobiça externa. E por fim, fertilizantes, como fosfato, cálcio, potássio e magnésio. É justamente essas riquezas que alavancaram a ganância dos seus territórios por diversos países (MENDOZA, 2016, p. 127-149).

Na descrição deste boliviano há uma mescla entre elementos materiais e não materiais. Mendoza recorre a fatores como o cosmos, a estética e a cultura do presente e do passado Tiahuanaco. A criação de uma história é capaz de alavancar um processo de desenvolvimento, ativar o sentimento nacional e regional, e foi estratégica para algumas nações que se destacaram no Sistema Internacional. Guillermo Francovich ressalta que o autor “*captó en forma excepcional la belleza ruda y áspera del altiplano, que en la mayoría de las gentes no producía sino la impresión de desolación y de hostilidad, de monotonía*” (1985, p. 94). O objetivo foi transformar a história daquela região por meio de um mito fundador⁹:

Forjó en la noche de los tiempos a Tihuanacu; y varios milenios después, hizo emerger del Titicaca la civilización incaica; y en la Colonia determinó la aparición de la omnipotente Audiencia de Charcas; y, en fin, ha hecho la actual República boliviana. Y proseguirá cumpliéndose en el mañana su trascendente papel. Y aun cuando los bolivianos de hoy no supiesen responder debidamente a sus hondas sugerencias, él sabrá encontrar elementos más eficientes para construir la verdadera nación, la del porvenir (MENDOZA, 2006, p. 130).

Por sua vez, Alípio Vega colabora:

La situación geográfica de Bolivia la asemeja a un corazón del continente suramericano, pero además, la variación de su relieve, de sus climas y sus posibilidades demográficas y de actividad humana afirman ese carácter, perfilando para Bolivia la peculiaridad de un órgano vascular de circulación de vida y de corrientes vitales de todo el continente, en este inmenso centro geográfico. La disposición de sus caracteres geográficos principales, tales como su notable orografía, su distribución hidrográfica, la concentración de incalculables y variados recursos económicos, la prodigalidad de los tres reinos de la naturaleza y la actuación de sus grupos humanos, suponiendo que antes del descubrimiento de América, hubo en la país numerosas y notables migraciones, confirman el carácter de “corazón continental” que un poco líricamente, se suele asignar frecuentemente Bolivia (2011, p. 291).

⁹ Isso, deve-se em grande parte por também ser conhecido como poeta e novelista.

Entende-se que para se movimentar dentro do Sistema Internacional é necessário por parte de uma Nação, ou de um conjunto de Nações, um grau de vontade e de consciência dos fatores de compõe sua debilidade. Para Mendonza, trata-se de alcançar um grau de cooperação entre países periféricos ligando as quatro porções da América do Sul por meio do território boliviano. Dessa forma, sublinha que “*ya se comprende que el Macizo Boliviano estaba llamado a desempeñar un papel sociogeográfico de capital significación en Suramérica*” (MENDOZA, 2016, p. 130-138). Para a América do Sul, o Heartland nasceria com a vocação de integrar a região¹⁰.

Pela perspectiva histórica é inegável que a Bolívia foi e continua sendo considerada uma área de instabilidade e de desejo. Essa tensão se deve a suas imensas riquezas naturais e sua localização geográfica estratégica. No processo de formação de uma Nação é importante que haja um grau elevado de coesão social e territorial. O contrário pode levantar ânimos para um caminho separatista ou estar presa à expansão dos vizinhos. Para a geopolítica brasileira Therezinha de Castro, se caracteriza “como uma área de transição [...] o que contribuiu para que se tornasse uma zona de tensão, perdendo terras para esses seus vizinhos; finalmente pelo seu posicionamento geoestratégico, forma o *Heartland* do continente sul americano” (1994, p. 85). Desde a formação do seu Estado, a Bolívia passou por três grandes conflitos e outros acordos que resultaram não só em perdas territoriais para Brasil, Argentina, Chile e Paraguai, mas na perda da sua saída facilitada para o mar. Dito isso, vamos abordar essas perdas e as tensões territoriais a partir da perspectiva dos interesses internos da região.

Para Mackinder, a fragmentação do território da Eurásia é capaz desmobilizar sua capacidade de Poder. Da mesma forma, as perdas territoriais da Bolívia com constantes avanços estrangeiros é também uma forma de desarticular toda a América do Sul. A preocupação com a capacidade de articulação geopolítica da Bolívia começou desde a sua criação. Therezinha de Castro (1994, p. 83) recorda que os impasses geopolíticos na região são datados desde a Audiência de Charcas, sob a

¹⁰ Cunha Filho (2015, p.4) resgata “a doutrina do “País de Contatos” surge na Bolívia nos anos 1930, com o chanceler Fernando Guachalla (1936). A doutrina era uma resposta direta à mais recente perda territorial boliviana ante o Paraguai na sangrenta Guerra do Chaco (1932-35) e propunha assegurar a sobrevivência do país pela associação com seus vizinhos maiores, fazendo do país um elemento de estabilidade geopolítica no continente.”

administração do Vice Reino da Prata. A necessidade de estabelecer uma saída pelo Pacífico nos portos de *Callao*, *Arica*, *Cobija* e *Paita*, pelo Peru, culminou na unificação dos territórios em 1836, originando a Confederação Peru-Boliviana. O território de Charcas era capaz de conectar o litoral do Pacífico com o Atlântico por meio de circuitos oceânicos, além de possuir, pelos olhos dos conquistadores Francisco Pizarro e Diego Almagro, toda a riqueza que a Espanha metalista ansiava (CANO, 1999, p. 461; TRAVASSOS, 1938, p. 5; GALEANO, 1980, p. 12). Euclides da Cunha (1975, p. 23) ressaltou a importância desse território ao considerá-lo “um bloco continental que lhe contrapôs a Espanha.” Apesar da fragmentação do território de Charcas, o Estado boliviano ainda contava com uma saída direta para o Pacífico, e saídas indiretas para o Atlântico via Bacia Amazônica e Platina. Sem embargo, os conflitos entre de 1879 e 1932, culminaram na mediterraneidade da Bolívia.

O primeiro cenário bélico ocorreu na Guerra do Pacífico (1879-1884), envolvendo Chile, Peru e Bolívia. Esse conflito resultou na perda do território costeiro boliviano no oceano Pacífico. Já a Questão do Acre (1903) não significou apenas o abandono da região para o Brasil, mas a diminuição das possibilidades de saída da Bolívia para o oceano Atlântico via Bacia Amazônica. Por fim, a Guerra do Chaco (1932-1935) contra o Paraguai custou a perda da faixa ribeirinha na Hidrovia Paraguai-Paraná e o comprometimento da via de saída pela Bacia do Prata. Ou seja, em 50 anos a Bolívia traçou o seu destino para a mediterraneidade. Argumenta-se que a perda de articulação com os oceanos se traduzia em dificuldades no desenvolvimento econômico e na constante dependência dos vizinhos para continuar exportando e importando.

As narrativas sempre permitiram múltiplas interpretações. Nesse caso, há um grupo de pesquisadores que defende a hipótese de que essas perdas territoriais foram, acima de tudo, fruto de um expansionismo brasileiro, um ataque à soberania nacional boliviana (BALDIVIESCO, 1986). Por outro lado, outros preferem enxergar por uma lupa alternativa, visto que as tentativas estrangeiras na região, principalmente norte-americana, sugerem uma resposta anti-imperialista por parte do Brasil (BANDEIRA, 2010).

Considerações finais

A pesquisa partiu da hipótese de que a região do Gran Chaco é fundamental para a edificação da integração logística no subcontinente, capaz de atuar como um agente conector entre os oceanos Pacífico e Atlântico e entre as bacias Amazônica e Platina. Nesse sentido, buscou-se apresentar contribuições conceituais da geopolítica sul-americana de Mario Travassos, Golbery do Couto e Silva, Augusto Pinochet, Jaime Mendoza, Alípio Valencia Veja e Valentin Abecia Baldivieso, com a releitura dos conceitos de “Gran Chaco”, “Heartland”, “Triângulo Estratégico”, “Maciço Boliviano” e “Área de Soldadura”. A geopolítica isolada dos acontecimentos históricos pouco pode contribuir para explicar algum fenômeno. Dessa forma, o trabalho se dispôs a descrever as perdas territoriais e a mediterraneidade da Bolívia a partir da Guerra do Chaco com o Paraguai, da Guerra do Pacífico com o Chile e da Questão do Acre com o Brasil. Pode-se constatar que sua posição estratégica e recursos naturais fomentaram cobiças estrangeiras e alimentaram a instabilidade e desconfianças entre os países vizinhos. A perda de articulação da Bolívia com o mar se traduziu em maiores dificuldades no desenvolvimento econômico e na constante dependência dos vizinhos para continuar exportando e importando.

Atualmente, as possibilidades estratégicas bolivianas obtidas por meio da exploração do minério de ferro de Mutún, do gás natural em Tarija e das reservas de lítio no Salar de Uyuni, colocaram em destaque novamente essa região no circuito dos Estudos Estratégicos e na órbita dos interesses estrangeiros. As grandes potências compreendem a importância fundamental da aproximação das nações sul-americanas para alcançarem seu desenvolvimento autônomo e soberano. O recente Golpe de Estado contra o governo de Evo Morales fortaleceu a hipótese da pesquisa sobre a instabilidade e os conflitos de interesse que envolvem essa região, principalmente em relação aos avanços estrangeiros e imperialistas.

REFERÊNCIAS

AMUSQUIVAR, Érika Laurinda; PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. **A gênese da geopolítica e sua difusão na história mundial**. Rev. Bras. Est. Def. v. 5, nº 1, jan./jun. 2018.

BALDIVIESCO, Valencia Abecia. **Las relaciones internacionales en historia de Bolivia**. La Paz: Editorial Los Amigos del Libro, 1986.

BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz. **O Barão de Rothschild e a questão do Acre**. Rev. Bras. Polít. Int. 2000.

BARROS, Pedro Silva; RAMOS, Felipe S. **O Novo Mapa da Integração Latino-Americana: balanço e perspectiva da estratégia da política externa brasileira para a região (2003-2013)**. Vol. 1, Num. 2, p. 7-20, 2013.

COUTO, Leandro Freitas Couto. **Desenvolvimento, Integração e Assimetrias: caminhos e descaminhos da aproximação regional na América do Sul**. 1 ed. Brasília: Fundação João Mangabeira, 2013.

COUTO e SILVA, Golbery do. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

CUNHA FILHO, Clayton Mendonça. **“Um país de contatos”**: a política exterior boliviana entre Haia e a integração regional. Observador On-line, v.10, n. 8, 2015.

FRANCOVICH, Guillermo. **El pensamiento Boliviano en el Siglo XX**. 2a Edição. Cochabamba: Editorial Los amigos del libro, 1985. FURTADO, Celso. **Formação Econômica da América Latina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1970.

_____. **Brasil: a construção interrompida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MACKINDER, John Mackinder. **The Geographical Pivot of History**. Geographical Journal, 1904.

_____. **Democratic Ideals and Reality**. New York: The Northon Library, 1962.

MALAGRIDA, Carlos Badia. **El Factor Geográfico en la Política Sudamericana**. Madrid: El Factor Tipográfico de Jaime Ratés, 1919.

MELLO, Leonel Itaussu de Almeida. **Quem tem da Geopolítica?** São Paulo: Edusp, 1999.

MENDOZA, Jaime. **El macizo boliviano**. La Paz: Imp. Arnó Hnos, 1935.

PFRIMER, Matheus. **Heartland Sul-americano? Dos discursos geopolíticos à territorialização de um novo triângulo estratégico boliviano**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29, pp. 131 - 144, 2011.

PFRIMER, Matheus; ROSEIRA, Antonio Marcos. **Transformações territoriais na Bolívia: um novo triângulo estratégico?** In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE GEÓGRAFOS, 12, 2009, Montevideo. Anais. Montevideo: Universidad de Montevideo, 2009.

ROCHA, Maurício Santoro. **A Outra Volta do Bumerangue: Estado, Movimentos Sociais e Recursos Naturais na Bolívia (1952 – 2006)**.

SEBBEN, Fernando Dall'Onder. **Bolívia: logística nacional e construção do Estado**. Dissertação. (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SEVERO, Luciano Wexell Severo. A importância geopolítica da Bolívia e a Integração da América do Sul. In: **América Andina: integração regional, segurança e outros olhares**. 1 ed. Paraíba: editora ABEU, 2012.

TEIXEIRA, Anísio. Estados Unidos: a “curta marcha” para a hegemonia. In: FIORI, J. L. Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

VEGA, Alípio Valencia. **Geopolítica del Litoral Boliviano**. La Paz: Librería Editorial “Juventud”, 1982.

_____. **Geopolítica en Bolivia**. La Paz: Librería Editorial “G.U.M”, 2011.

Recebido em nov. de 2021.

Publicado em dez. de 2021.